

VILLAS-BÔAS CORRÊA

JORNAL DO BRASIL

Claro em cima, escuro embaixo

22 NOV 1965



A enxurra-da de declarações peremptórias, afirmações terminantes e avaliações eruditas que escorre das rádios, televisões e jornais desde que ficou definida a classificação de Lula para decidir com Collor no segundo turno e mais as frenéticas reuniões de comissões executivas dos partidos, com largo consumo de notas categóricas e anúncio de imediatas convocações de convenções nacionais, — tudo isso, bem peneiradas as coisas, tem um valor relativo, ajudando o eleitor a orientar seu voto na rodada do próximo dia 17 de dezembro.

Arruma o voto na coluna ao centro e à esquerda de uma parcela não mensurável do eleitorado que se envolve na confrontação ideológica. Mas é conversa para sofisticados, intelectuais entupidos de preconceitos. No andar de cima do eleitorado prevalece, em boa medida, a definição fundada em inarredáveis convicções, expressando reflexões maduras, a consciência política sedimentada em anos de estudos, de inflamados debates desde os bancos acadêmicos, as discussões varando a madrugada nos bares que estimulam o aprofundamento cultural.

Desde logo é preciso não confundir a algaravia de lideranças perdidas na polarização do segundo turno, levando sem ter onde aterrar nas contradições de suas bases regionais —, pois os dois campos estão ocupados por adversários — com os embaraços de militantes de postura nítida, como é o caso de Jarbas Vasconcelos, do deputado César Maia, do senador Fernando Henrique Cardoso, que sabem para onde vão mas pedem tempo para alinhar os seus partidos esgarçados pela derrota.

O peso do conselho de lideranças amarradas pelas urnas não deverá alterar a inclinação da balança. Antes de avançar palpites, seguindo trilhas sinuosas de volteios confusos, convém aguardar um pouco mais pelas primeiras pesquisas dos institutos que comprovarão seu acerto nos prognósticos do primeiro turno. Há um leque de imponderáveis que necessitam ser desvendados. Como, para ficar nos exemplos óbvios, qual é o índice de rejeição a Collor e Lula no eleitorado que não votou nos dois finalistas? Até onde vai o ressentimento do brizolismo nos estados onde ele é majoritário — Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro — e no varejo espalhado pelo país, com o petismo e seu candidato que o derrotaram, frustrando sonho acariciado em três décadas?

Nas grimpas, o *patati-patatá* emposta a voz para agravar o racha ideológico, acentuando a nova linha que rearruma o quadro partidário. Ocorre que a sumária colagem de etiquetas esbarra em algumas incômodas constatações. Pois à medida que a análise dos votos mergulha no universo das camadas mais desfavorecidas, constata que Collor de Melo sustentou a proeza da liderança, desde abril, em todas as pesquisas, subindo e baixando de patamar, mas sempre a folgada distância do segun-

do colocado, graças à inabalável fidelidade do eleitor das faixas C, D e E. Ou seja, nos bolsões da pobreza absoluta. É o que explica a imensa votação que garantiu a classificação em primeiro lugar em quase todos os estados, com três em segundo nenhum abaixo.

O voto ideológico é uma realidade e o caminho do amanhã. Impondo-se de cima para baixo, principiando pela reaglutinação partidária, na provável divisão do Congresso em dois blocos: o governista e o de oposição, um de centro-direita, o outro entortando para a esquerda.

Na eleição daqui a 24 dias, nada sugere que o grosso do eleitorado transfira a decisão do voto do coração para a cuca, saltando da emoção que o convida ao passionalismo de uma briga mano a mano —, esparramando-se por 17 dias do moderado bis do horário de propaganda gratuita —, com 40 minutos diários, 20 para cada um, em dois tempos — para o radicalismo que não espia para os lados e marcha em frente, na cadência da paixão intelectualizada.

Por essas e outras, até prova em contrário, talvez seja mais esperto tentar antever o balanço da campanha que começou e deve ganhar velocidade na próxima semana —, pois o tempo é curtíssimo — debulhando fatores que podem influir no ânimo do eleitorado. Lula saca da marmita de trabalhador a tática de apartar o rico do pobre. Não pegou em seis meses de campanha do primeiro turno; ainda é a melhor receita para a nitidez do cara a cara.

Arrancando como favorito, Collor dispõe de munição mais variada. A começar pela comparação dos mais de 57% de aprovação do seu governo pelo eleitorado alagoano contra os amargos resultados de Lula nas capitais entregues às desastrosas mão de prefeitos petistas. Vide São Paulo, Porto Alegre, Campinas.

Na hora em que o Estado é a imagem desgastada da falência, penalizando os mais pobres com a desorganização dos serviços públicos, a bagunça da rede escolar de primeiro grau, o nível calamitoso do segundo grau da rede oficial e todo o calvário que inferniza a vida da população sofrida e humilde é preciso prodígio de acrobacia verbal para demonstrar que estatizar é a solução.

Por aí, como pela distância que separa as propostas para enfrentar o desafio da dívida externa e o descalabro do déficit público, deve desfilar a campanha.

A ideologia corta por cima. Nas profundezas do abismo da miséria, o eleitor conferirá seu voto, reafirmando-o ou orientando-o para a dupla alternativa, pelas motivações que toquem sua sensibilidade. Para os simples vale mais o sinal da sinceridade da proposta, a encenação demagógica de promessas que ele sabe impossíveis mas excitam sua esperança do que o palavrorio que ele nem sempre entende. Embora o voto errado o castigue na marginalização em que vegeta, como a pena injusta que inferniza o inocente. Em eleitorado de 68% de analfabetos e semi-alfabetizados, ideologia é luxo de poucos, adereço de ricos, pápo de intelectuais